

A CRISE DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

META

Analisar a partir de uma determinada perspectiva teórica a dinâmica atual da crise do capitalismo contemporânea e seus elementos intrínsecos que operam no aprofundamento do mesmo;
enfocar a impossibilidade de aplicar receitas econômicas anteriores para tentar superar a crise, por ela apresentar estrutural, universal e de certa forma depressiva.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

o aluno tentar entender a complexidade do capitalismo de nossos dias a partir de uma abordagem crítica, dominando algumas categorias como “capital”, “crise estrutural”, “sistema metabólico do capital”, etc. o tema, por ser instigante, poderá contribuir para futuras leituras do aluno de um tema que certamente um futuro professor de Geografia poderá apropriar do assunto.

PRÉ-REQUISITOS

O tema da aula 03 por ter analisado o que vem a ser “mundialização do capital” e seus contornos a partir da “vitória” do neoliberalismo com a derrubada do muro de Berlim em 1989.



(Fonte: <http://www.flickr.com>)

INTRODUÇÃO

Todos nós sabemos que o sistema de produção que vivemos é marcado pelo domínio do capitalismo. É um sistema que compreende um período histórico bem curto em relação à história da humanidade, apenas pouco mais de 400 anos. Apesar disso foi o sistema mais revolucionário se comparado aos sistemas anteriores (antigo, feudal, etc.), por transformar radicalmente a produção de bens e serviços, com a relevante contribuição do progresso tecnológico, da formação dos Estados Nacionais (podemos dizer, países) e da criação de diversas classes sociais, sendo uma dominadora, formada por uma minoria poderosa politicamente e enriquecida economicamente.

Entretanto, esse sistema que transforma tudo em mercadoria (ou seja, para comprar e vender) teve e tem seu preço: a existência de crises cíclicas. Se colocarmos em toda sua história, as crises sempre fizeram parte do sistema capitalista, porém uma foi marcante: a crise de 1929.

Todos nós conhecemos que a crise de 1929 teve como marco simbólico a “queda da bolsa de valores de Nova York”. Mas o aluno deve entender que a crise não foi só a queda da bolsa, mas o próprio sistema capitalista como um

todo, e nisso devemos saber: *a crise de 1929 foi à crise do liberalismo*. O liberalismo tem como uma de suas características a *liberdade de mercado, a fragilidade do Estado e a valorização do indivíduo do que a valorização da coletividade*, e tudo foi por água abaixo. A resposta foi a receita *keynesiana* (expressão tirada do nome do economista inglês, *Jonh Maynard Keynes*), que constituiu na presença do Estado como principal elemento de intervenção na economia para a superação e na criação de milhões de empregos. A receita naquele momento deu certo.

O problema é agora e isso o aluno deve estar atento. *A crise que vivemos hoje merece ser entendida como a crise mais profunda do que a crise de 1929*. E a presente aula é uma tentativa de entender, sendo uma questão preocupante, onde está o futuro da humanidade.



Bolsa de valores é o mercado organizado onde se negociam ações de empresas de capital aberto (públicas ou privadas) e outros instrumentos financeiros como opções e debêntures. Embora existam entidades que só operam com pregão eletrônico (como a norte-americana Nasdaq), em sua maioria as bolsas de valores dispõem de um pregão físico, onde são realizadas as negociações. As bolsas têm o dever de repassar aos investidores (através de revistas, boletins e meios eletrônicos) informações sobre seus negócios diários, comunicados relevantes de empresas abertas, dados de mercado e tudo o mais que contribua para a transparência das operações. (fonte: <http://www.flickr.com>.)

CAPITALISMO E CAPITAL

Uma primeira questão: capitalismo e capital são duas coisas diferentes. Capitalismo é um sistema histórico de produção que fortalece o capital (e não o trabalho) e se caracteriza pela *infinita expansão e necessária acumulação*, onde os que *controlam* o sistema ficam com a maior parte do bolo. Capital é uma categoria mais antiga que o capitalismo e opera mais como uma necessidade fundamental de circulação da riqueza, de entesouramento ou até mesmo de investimento. O problema é que no capitalismo o capital toma outra dimensão. Ele é fundamental para produzir riquezas, mas tem como finalidade acumular, gerando também problemas sociais na medida em que o *capital facilita a produção de mercadorias não para atender necessidades humanas e sociais, mas para atender ele próprio: para a acumulação e expansão*. Vamos a um exemplo.

Um vendedor de flores vende esse produto não é porque ele morre de amores pelas flores ou que tenha uma visão romântica da realidade, mas porque ele quer fazer dinheiro e ter lucro. Quando chega os dias dos namorados, o vendedor de flores pouco ta lixando se você está ou não apaixonado, isso é problema seu. O que ele quer saber é vender flores e não importa para quem você está enviando. Você pode até enviar flores para o Diabo, o vendedor não se importa, apenas agradece sua compra (“obrigado pela preferência”). *Isto é capitalismo. O que vale é o valor da mercadoria não sua necessidade.*

Para completar essa análise conceitual, adicionamos a categoria “sistema metabólico do capital”, por sinal bem diferente do que conhecemos como “sistema capitalista” ou “sistema econômico”. O conceito de metabolismo dar uma idéia de movimento, processo, contradição e principalmente energia social e econômica, onde a característica principal é a realização do próprio capital.

Nesse enfoque, sistema metabólico do capital tem como principal lastro da formação do tripé *capital, trabalho e Estado*. E as mudanças estruturais ai decorrentes pode alterar o sistema metabólico, podendo ser até mesmo outro sistema *além do capital*. No capitalismo, o capital tem a proteção do Estado e submete o trabalho para realizar a acumulação. O lado do tripé mais fortalecido é do capital. Já no sistema metabólico socialista, é evidente que o trabalho tem mais força que os demais lados do tripé.

O exemplo do fracasso socialista da União Soviética e dos demais países socialistas deu-se em função justamente de não ter alterado o tripé do sociometabolismo. A simples extinção da propriedade privada não foi suficiente para realizar o sonho socialista. A manutenção de um Estado burocrático, autoritário e da formação de uma nova classe dominante, contribuiu para seu fracasso. Ou seja, alterou-se o lado do tripé do trabalho e do capital, mas manteve o Estado. Daí deu no que deu, o sistema foi reduzido a cinzas em poucos anos.

ANTECEDENTES DA CRISE ATUAL: A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Depois disso, vamos ao assunto da aula: porque no capitalismo existem sempre crises? Simples responder: como é um sistema que se realiza apenas para produzir riquezas e não necessidades humanas e sociais, é natural que as crises tem que aparecer. Ou seja, se esse sistema produz milhões de desempregados e assim mesmo existe crescimento econômico, o que importa é o crescimento. O problema é que o excesso de desempregados poderá contribuir na diminuição das vendas ou até mesmo no aumento da violência, sem contar também os danos da corrupção política, do parasitismo do sistema financeiro, etc. E como podemos chegar a um quadro forte na “queda nas vendas”, porque a população esta sem emprego ou recebem péssimos salários, é evidente que a crise aparece.

Como já colocamos na parte da introdução, as crises são comuns no capitalismo. Mas sempre houve solução para a superação dessas crises, como foi o caso da crise de 1929. *O problema é que estamos chegando a um limite de crise insustentável*, e que autores mais críticos do sistema capitalista como István Mészáros (2009) chama de *crise estrutural do capital*. Toda a nossa aula esta baseada, em linhas gerais, através do pensamento desse estudioso contemporâneo e um dos que mais apresentam maior profundidade teórica e contundência em suas abordagens sobre o sistema do capital dos nossos dias.

Para esse estudioso húngaro, o capitalismo de nossos dias é bem diferente do capitalismo de poucas décadas atrás, e a marca é a *crise permanente do capital*. O marco divisório deu-se em 1973 a partir da crise do petróleo, onde a fase de crescimento *“dourado” do capitalismo depois do final da segunda guerra mundial acabou!* De lá para cá foi crise em cima de crise. Podemos enumerar várias: segundo choque do petróleo em 1979, a crise financeira mexicana em 1982 e brasileira em 1983, as crises financeiras dos anos 90 (México, Brasil, Coréia do Sul, Argentina, Rússia, etc.), a crise do 11 de Setembro e finalmente a crise de 2008.

O que vem a ser crise estrutural do capital?

São duas expressões que o aluno deve diferenciar para entender o fenômeno da crise. A primeira denominamos de *crise conjuntural* e a segunda de *crise estrutural*. Crise conjuntural é a crise periódica, breve e temporal, podendo ser superada a partir de determinadas medidas econômicas paliativas, como o aumento do crédito (ou seja, colocar dinheiro para investimentos, etc.) e a criação de empregos. Isso foi comum na história do capitalismo, desde seu nascedouro. Conjuntura significa fato momentâneo, o agora, fato de curto prazo.

Já crise estrutural tem uma amplitude histórica. A sua principal característica é a continuidade sem fim da crise, e pior, do aprofundamento

de problemas cada vez mais insuperáveis. Assim, a crise do capitalismo de nossos dias é estrutural porque ela se prolonga desde os meados dos anos 70 do século passado, não superando mais para uma fase de prosperidade. E por que dizemos isso? Basta observar dois fatos comuns nas últimas décadas: *o lento crescimento econômico dos países mais ricos*, todos em um verdadeiro passo de tartaruga. O outro fato seria *o aumento do desemprego*, não apenas em função da adesão de recursos tecnológicos no processo de produção e que substituem mão-de-obra, mas da incapacidade como um todo do sistema gerar emprego, principalmente empregos decentes e bem pagos. Os empregos que são criados hoje em dia, são empregos precários e de baixos salários.

E para entender os elementos da crise estrutural do capital de nossos dias, a Geografia Econômica deve aprofundar essa questão na medida em que o rebatimento dessa crise acontece em todos os cantos do mundo e não apenas em algumas partes do planeta, sendo ela universal, perversa e socialmente excludente. Ou seja, mesmo com a crise, por incrível que pareça muita gente ganha dinheiro em cima da miséria de milhões.

ATIVIDADES

Responda a seguinte indagação: a qualificação profissional ela dar mais oportunidades para trabalhar do que a não qualificação? Ou ainda, será que chegaremos a uma situação absurda: milhões de pessoas com diplomas superiores sem encontrar emprego e quando encontram empregos de baixo status social. Será que chegaremos ao quadro de professores de Geografia, com título de Doutor, trabalhando como recepcionista de hotel, camareiros, garçons ou até mesmo motorista de táxi? Reflita e responda.



OS ELEMENTOS INTERNOS EXPLICATIVOS DA CRISE DO CAPITAL DOS NOSSOS DIAS

Dando continuidade ao tema, que de certa forma é apaixonante mas ao mesmo tempo preocupante, podemos explicar o segmento dessa aula a partir do que estamos chamando de elementos “visíveis” da crise e que aparece na grande imprensa, facilmente assimilável por qualquer pessoa. Por outro lado, analisaremos concretamente os “elementos reais” que verdadeiramente operam dentro dessa crise e substanciam a tese da crise estrutural defendida como tese na presente aula.

A crise que se prolonga conjunturalmente desde outubro de 2008 é simples fazer o encadeamento dos fatos. Inicialmente começou com a crise imobiliária norte-americana, onde os donos dos imóveis não puderam pagar as prestações em dia e os bancos que financiaram esses empreendimentos ficaram sem “lastro financeiro”. Isso provocou a quebra es-

petacular de bancos seculares que operavam no segmento financeiro desde o século XIX, alastrando a crise para outros bancos que operavam no segmento de seguros e investimento. E como o capitalismo é “globalizado”, é evidente que a crise se alastrou como a gripe suína, todo mundo foi contaminado, onde papéis (quer dizer ações) negociadas em bolsas de valores viraram pó. O desemprego no segmento bancário chegou em poucos dias aos milhares.

No primeiro momento, apenas o segmento financeiro foi o atingido. A coisa pegou fogo quando o segmento produtivo (ou seja, o segmento industrial) foi atingido diretamente com a queda cavalgar das vendas e do endividamento dessas empresas. Iniciado pelas empresas norte-americanas, também se alastrou para empresas européias e asiáticas. O clima de pânico foi instituído em todo o mundo e aí um fato ocorreu da qual não podemos esquecer: o tão sonhado mundo dominado pelo liberalismo e seu filho contemporâneo – o neoliberalismo – evaporou.

Sem dúvida nenhuma os defensores do neoliberalismo, onde sempre diziam que a crise tinha como principal culpado a “presença do Estado na economia”, foram desmoralizados. Para superar a crise, que muitos economistas colocam essa como a mais profunda do que a de 1929, mais uma vez o salvador da pátria foi o Estado.

E aí presenciamos uma das coisas que há pouco tempo pensávamos ser impossível acontecer. O Estado começa a socorrer bancos e empresas privadas, despejando caminhões de dinheiro para que a crise não coloque todo mundo no buraco, podendo criar um quadro economicamente insustentável caso não ajudasse. Basta observar o maior símbolo do capitalismo industrial americano – A General Motors – simplesmente pedir falência, fechando quase a metade de suas fábricas em território americano e colocando milhares de trabalhadores na rua. Ou seja, o governo norte-americano agora é empresário do segmento de maior inovação tecnológica – o automobilístico – e caso não ocorresse o apoio financeiro, as consequências seriam inevitáveis. Não podemos esquecer que toda essa ajuda tem seu preço e o maior deles é o aumento do rombo das contas públicas do Estado americano, que a sociedade vai ter que pagar a médio e longo prazo e como é o país mais rico e industrializado do mundo, é evidente que o mundo inteiro pagará essa astronômica conta, simplesmente para salvar empresas capitalistas.

Acreditamos que o aluno deve guardar esses fatos para tentar porque tudo isso aconteceu e que a crise certamente se prolongará para os próximos anos. Ela poderá até mesmo terminar esse curso à distância e ainda assim a crise persistirá.

Isso é o que chamamos de elementos “visíveis” e compreensíveis da crise econômica dos nossos dias. Entretanto a questão vai mais além. A crise em questão nada mais é que um conjunto de fatores que confirmam a tese da *crise estrutural do capital*. E nele é que discorreremos agora para enten-

der concretamente a dimensão do capitalismo e o porquê de estarmos em um momento histórico tão importante, inclusive colocando a humanidade em perigo. No primeiro momento é entender por que as experiências anteriores fracassaram na tentativa de superação da crise e no segundo momento abordar as dimensões reais da crise estrutural do capital.

O FRACASSO NA TENTATIVA DE DOMESTICAÇÃO DO CAPITAL

Como abordamos anteriormente, o capital preocupa-se apenas na realização dele próprio. Se ele produz mercadoria para todo mundo, a sua finalidade seria não atender e satisfazer necessidades e sim subordinar essas necessidades ao que realmente ele deseja: acumular e expandir, isso como um processo que se projeta para o infinito. Essa sanha foi abordada pelo economista Karl Marx em sua obra atualmente odiada, porém mais viva do que nunca: O Capital.

Voltando a questão. Para a superação dessas crises inevitáveis, é evidente que as receitas foram inúmeras, a depender de país para país. Entretanto, três importantes experiências foram desenvolvidas durante grande parte do século XX na tentativa de superação dessas crises e de certa forma domesticar a face natural e perversa do capital.

A primeira relaciona-se com a experiência *keynesiana*, como já citamos anteriormente. Na verdade foi à ação do Estado (através de seus respectivos governos) que superou a crise do liberalismo econômico então dominante antes da crise de 1929.

O auge dessa experiência e que passou também em boa parte dos países capitalistas, se processou no período logo após o final da segunda guerra mundial e por incrível que pareça, a experiência deu certo em praticamente todos os países que aplicaram a receita. Porém, houve limites, como menor crescimento econômico e seu maior problema: o crescimento das dívidas dos Estados. E isso alguém teria que pagar a conta.

Com a *crise do petróleo*, matriz energética então mais importante do mundo, juntamente com o *crescimento das dívidas externas dos países subdesenvolvidos* (ou do “terceiro mundo”, como se dizia na época!) também contribuíram na evaporação da receita do “Estado empresário”. Há bem pouco tempo defender a tese do keynesianismo era motivo de chacota, senão patético e de taxar esses defensores de loucos. Essa tese esta sepultada.

A segunda experiência relaciona-se dentro do espectro político, e que se deu através da *ideologia da social-democracia*. Para os defensores dessa abordagem, era possível domesticar o capital a partir da “convivência” entre a realização do binômio acumulação-expansão e a aplicação de políticas sociais, como o estabelecimento de direitos sociais e a universalização de serviços públicos gratuitos como educação e saúde.

Por muito tempo essa experiência teve seu valor, inclusive com aparentes avanços sociais. Mas com a derrota do socialismo do Leste Europeu no final da década de 80 do século passado, esses direitos foram cassados violentamente em praticamente todo o mundo. O Brasil até que não adotou essas políticas, ainda assim atacou em outras frentes, como o sucateamento da educação e da saúde, e sua privatização deslavada (através da expansão dos planos de saúde e do crescimento das instituições de ensino particulares).

Em nossos dias, a social-democracia é um fantoche histórico, que perde seguidamente eleições, e ao mesmo tempo, partidos de direita têm ganhado sempre. Basta observar as eleições em diversos países europeus nos últimos tempos (Itália, França, Alemanha, etc.), inclusive com vitórias de partidos nazistas e racistas.

Finalmente a terceira experiência fracassada foi à *implantação do socialismo no Leste Europeu, particularmente com a criação da União Soviética*. Valorizada inicialmente como alternativa de superação do capitalismo, em nada mudou internamente, na medida em que a democracia foi suprimida, foi formada uma classe dominante e aplicou durante décadas absurdas receitas do tipo: construir satélites e armas atômicas em detrimento da produção de pães. A derrubada foi fulminante, o sistema sustentava-se sob pés de barro e seus castelos eram de areia. Foi incrível seu desaparecimento, em poucos meses todos os países do Leste Europeu caíram como dominó.

A partir dessa constatação e que vamos abordar os principais elementos da crise do capital. Veja que não estamos acrescentando a experiência cubana, até porque não pode ser tirada da experiência dessa ilha caribenha como modelo para o mundo, pois se agregarmos países complexos e continentais como Brasil e Índia, não poderá jamais aplicar o modelo.

OS ELEMENTOS CONTEMPORÂNEOS DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Uma primeira questão relaciona-se ao que Mézáros denomina de *capital destrutivo*. E o que significa capital destrutivo? Para esse autor, o capital contemporâneo só pode realizar suas conhecidas pretensões (acumular-expandir) sob o efeito destrutivo em seus processos. Em outras palavras, a perversidade do capital se processa pela necessidade de destruir seus “fatores de produção”. Vamos a dois exemplos: a natureza e o trabalho.

A sanha de crescer sem parar efetivamente tem limites. E como não temos nenhum “cantinho” do mundo onde ele não atua, é evidente que estamos chegando aos limites, e que o autor denomina de *ativação dos limites absolutos do capital*. Essa ativação serve como alerta, afinal vivemos

em um planeta com recursos naturais limitados e uma população em permanente crescimento. Esse é o grande dilema.

Mas a questão é muito mais complexa.

Todos nós sabemos que a natureza nunca foi agredida como em nossos dias. A fauna e a flora estão sendo destruídas diariamente, centenas de espécies animais e de plantas estão sendo extintas e em poucos anos muitas espécies estarão extintas. Para a imprensa em geral, esse problema é atribuído a “ação do homem”, isso para escamotear a verdade. Por incrível que pareça, para que o capital realize e reproduza até o infinito, a natureza deve ser destruída continuamente, através de diversas ações, como o emporcalhamento do ar, da poluição dos rios, do esgotamento dos recursos pesqueiros, do desmatamento generalizado, da desertificação, etc. Tudo isso não pode ser atribuída ao “homem”, mas ao capital.

No mesmo sentido do capital destrutivo é a *expansão sem medidas do desemprego*. Segundo o nosso autor, só no ano de 2009, devido à crise econômica, mais de *50 milhões de pessoas perderão seus empregos em todo o mundo*. O moinho satânico do capital gira sem parar!! E se colocarmos os desempregados anteriores chegaremos a astronômica cifra de aproximadamente *400 milhões de desempregados em todo o mundo*. Um mundo de gente que não tem o que fazer, pois o sistema imperante não mais oferece condições de emprego. E o interessante é que o emprego desaparecido não mais volta, simplesmente é extinto.

E esta seria uma das questões centrais da crise estrutural. As mudanças do padrão produtivo do novo capitalismo não têm como objetivo criar mais empregos. *Os empregos criados agora estão mais concentrados no segmento de bens e serviços, naquilo que chamamos de setor terciário. E os empregos criados são de baixa remuneração e precários.*

Para completar a questão da ativação do capital destrutivo temos também as *necessárias e inevitáveis guerras regionais*. Na grande imprensa conhecemos diversos conflitos, mas o aluno deve saber que no mundo do início do presente século temos mais 50 guerras instituídas. Só na África são 18. Mas a questão não seria a guerra em si e que todos não concordamos. O problema é a necessidade que exista guerra para que o capital se realize em toda sua plenitude. Ou em outras palavras, a existência de guerras também é fundamental para ativar um dos setores mais lucrativos do mundo: o segmento de armas (o aluno deveria assistir o filme “O Senhor das Armas”, tendo como ator principal o americano Nicole Cage). O chamado *complexo industrial-militar* lucro bilhões de dólares com estas guerras, e com ganhos cada vez maiores, pois uma boa parte dessas armas é contrabandeada. Vamos a um exemplo. Apenas uma arma leve a AK-47, somente ela, já foi responsável pela morte de 7 milhões de pessoas!!

Assim, pelo *caráter incontrolável do capital, pela destruição que esta realizando e sua força infinita sob um planeta de recursos naturais finitos, ao lado de um*

crecimento populacional ao estilo malthusiano, nada mais pessimista do que pensarmos o que será o mundo daqui a algumas poucas décadas.

É nesse entendimento que o aluno de Geografia Econômica deve encarar a realidade, cabendo saber quais as causas e processos em ativação, sendo a realidade capitalista o maior desafio de saber como esse sistema funciona no mundo contemporâneo, um enigma que o senso comum não responde. Cabendo ao estudante entender o processo, através de leituras e debates, e se possível da possibilidade de estabelecer propostas de como superar essa questão tão vital para os nossos dias.

Esse foi o recado dessa aula. Uma denuncia dura e real. Mas ainda acreditamos da possibilidade de superação desses problemas, como uma máxima: *é sob o precipício que encontramos a saída.*

CONCLUSÃO

A presente aula abordou um tema importante no campo de estudo da Geografia Econômica: decifrar a complexidade do mundo contemporâneo. Para isso desenvolvemos a abordagem da tese da crise estrutural do capital. Nela observamos os elementos atuais que fazem parte dessa crise. E ainda mais importante: dos dilemas que certamente teremos que enfrentar daqui para frente.

Nesse aspecto, a lição que deve ser tirada dessa análise, a luz de uma profunda leitura crítica do mundo do capital e de suas contradições, é justamente pensar o mundo dentro de uma perspectiva de mudança e me parece sob a luz do capital, não tem muita saída.

Veja que não abordamos a via socialista como meio de superação da crise, até porque a experiência soviética e de outros países foi traumatizante. Mais uma questão é crucial: o mundo vai ter que superar essa crise econômica sem precedentes, que Mészáros denomina de crise estrutural do capital, ou não teremos mais humanidade no planeta Terra em menos de 50 anos. Talvez o resgate da proposta socializante possa aparecer como via alternativa, mas dentro de outros parâmetros do que aqueles conhecidos nos países que passaram pela via socialista. O que efetivamente não pode é essa lógica destrutiva continuar.

RESUMO

A chamada crise estrutural do capital é uma tese defendida por Mészáros, atualmente o maior estudioso e ferrenho crítico do sistema do capital. Para entender a crise econômica contemporânea desenvolvemos essa tese na presente aula, onde o marco divisório seria a crise de 1973 com o choque do petróleo e das crises financeiras posteriores. Ou seja, a



partir da década de 70 do século passado vivemos sucessivas crises conjunturais cada vez mais próximas uma da outra, fechando o ciclo da fase do crescimento econômico depois do final da segunda guerra mundial, que alguns chamam de *fase dourada do capitalismo*.

O que marca essa crise estrutural é que ela permanente, universal e cada vez mais insuperável, devido ao conjunto de elementos contraditórios evidenciados. Primeiramente devemos entender os elementos antecedentes constitutivos dessa crise, sendo o mais importante deles as fracassadas tentativas de domesticação do capital, como a experiência keynesiana mal sucedida, o insucesso da forma política de administrar o capital a partir das propostas da social-democracia e do fracasso surpreendente da experiência socialista da União Soviética e dos países do Leste Europeu.

Desse lado, o sistema que opera no mundo atual se dar pelo chamado capital destrutivo, que se configura pela sanha destrutiva para que o capital se realize, acumulando e expandindo. Mas sob um preço muito alto. Para gerar resultados e ganhos, a natureza deve ser destruída, o trabalho deve ser extinto ou desvalorizado e as guerras necessárias para dar lucro a um segmento tão importante na atualidade, que são as indústrias de armas.

É dentro desse quadro, a partir da proposta do autor húngaro que desenvolvemos a aula como forma de denúncia e ao mesmo de reflexão e necessário aprofundamento do debate para superar esse quadro tão preocupante, onde está em jogo a própria sobrevivência da humanidade.

ATIVIDADES

O Brasil tem características econômicas bem distintas em relação aos países capitalistas mais desenvolvidos. Que características são essas?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

leve em consideração a questão da geografia e da história econômica brasileira, além da formação da sociedade brasileira e também de ter um nível de industrialização bem diferenciada em relação aos demais países da América do Sul e também dos países do capitalismo central.

PRÓXIMA AULA

Para aprofundar as questões desenvolvidas as aulas anteriores, abordaremos na próxima aula o enigma da Geografia Econômica Brasileira, ou seja, como o Brasil se insere dentro da lógica capitalista de produção.



REFERÊNCIAS

- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital – rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Editora Boitempo Editora da Unicamp, 2002.
- _____. **Os desafios e o fardo do tempo histórico.** São Paulo: Editora Boitempo, 2007.
- _____. **A crise estrutural do capital.** São Paulo: editora Boitempo, 2009.